

ENSINO DE GRADUAÇÃO, CULTURA E FORMAÇÃO

Simone Alexandre Martins Corbiniano
Universidade Federal de Goiás/FL
Comunicação
Cultura e processos educacionais

Torna-se cada vez mais freqüente na universidade a redução da graduação à formação profissional e desta à formação de competências. Mediante esse contexto espera-se propiciar a discussão sobre a formação acadêmica, ampliando o olhar para a relação entre o curso universitário e a formação cultural. Os cursos de formação atuais bem como o público que os procuram, têm dado maior ênfase às necessidades do mercado de trabalho, contudo, é importante indagar sobre outras questões subjacentes a essa formação, pois o cidadão em geral, e sobretudo o educador, são constituídos de diversas dimensões ligadas a processos formativos mais amplos e não restritos à formação profissional. No Curso de Letras as relações com o universo da leitura, da língua e da literatura podem alargar a formação em relação a tantas outras áreas do saber e da cultura, mas, lamentavelmente, seu alcance humano, político e ético quase sempre é ignorado na sociedade produtiva. Importa lembrar que a formação que contribui com a emancipação das pessoas, passa pelas tecnologias, mas também necessariamente pelo cultivo da leitura e da reflexão. Questões que constituem enorme desafio, levando ao incômodo e à aspiração de pôr a formação das pessoas em questão, especialmente na universidade. Apesar do predominante interesse na formação profissional, é possível dizer *a priori* que parte dos alunos participantes dessa pesquisa reconhecem no curso de graduação uma base indispensável para o seu próprio desenvolvimento intelectual e humano.

Palavras-chave: universidade; educação; formação humana.

Introdução

A prática como componente curricular tem entre seus objetivos o papel de possibilitar aos acadêmicos de graduação o contato com realidades de sua área de formação, proporcionando-lhes o ensejo de reflexão indispensável ao processo educativo na universidade.

Este projeto específico tem a intencionalidade de desenvolver uma iniciação na pesquisa que leve os alunos a pensarem seus conceitos e concepções acerca de sua própria formação com base na análise do percurso de alunos formandos da Faculdade de Letras/UFG que serão entrevistados por amostragem, e também na bibliografia estudada para o embasamento teórico do relatório.

Justificativa

Os cursos de formação em geral, assim como o público que os procura, têm dado maior ênfase nas necessidades do mercado de trabalho. Contudo, é importante pensar ainda em outras questões subjacentes a essa formação, pois o cidadão em geral, e sobretudo o educador, é constituído de diversas dimensões que estão ligadas a processos formativos mais amplos e não restrita à formação profissional.

Atualmente a cidadania tem uma variável atribuição de sentidos sociais que abarcam da inserção produtiva ao desenvolvimento de valores, como um princípio inseparável da educação, cidadania passa a ter o sentido de “acesso à escola” como meio para munir-se de potencialidades para participar na dimensão econômica da sociedade. Essa concepção não só restringe o sentido das instituições formativas como a escola e a universidade, mas também reduz o papel da educação como cultura.

A escola (em todos os níveis de ensino, sobretudo a universidade) é uma importantíssima mediação para a formação da cidadania, mas não é a única, e precisa ser continuamente repensada em seus princípios. Além disso, a formação da cidadania, muito além da instrução, da capacitação, implica criar a condição própria de ser sujeito em sua totalidade. Como diz Coêlho,

a separação entre cultura, ciência e tecnologia e o desequilíbrio entre as áreas de ciências físicas e biológicas e as humanidades, em termos de cultivo, valorização, influência formativa e recursos, presentes hoje na formação de crianças, jovens e adultos pela mídia e pela escola básica, são preocupantes. A desvalorização e a desqualificação das humanidades comprometem o presente e o futuro da humanidade, ao condenar o homem à esfera do imediato, da produção, do pragmático, do prático, e ao negar às crianças jovens e adultos o convívio com as formas de sensibilidade, do pensamento, da contestação e da expressão e com projetos de transformação. Sem essas realidades é impensável a existência humana, a sociedade e a história. (...) Acresce-se a isso a excessiva preocupação com o imediato, o útil, o prático, o mercado e o consumo; a supervalorização da prática em detrimento da teoria, da experiência e da prática como decisivas na formação profissional, da experiência, do cotidiano e da prática como fundamentais na formação dos educadores; e o imaginário que privilegia a educação pela vida, em detrimento da escola, dos livros, da teoria. Eis sintomas e expressões do irracionalismo e da anticultura (2003, p. 2).

Nesse sentido, que formação tem sido esta que passa constantemente por uma finalidade útil? Nessa formação a ciência e a técnica são subsídios para humanizar e emancipar pessoas? Como poderia fazê-lo, se não cultivava verdadeiramente em seus princípios o valor da arte, da leitura, da reflexão? Estas e tantas outras questões que constituem enorme desafio, levando ao incômodo e à aspiração de pôr a formação em questão, especialmente na universidade.

Objetivos

- Investigar a “compreensão” que os formandos da FL/UFG têm de formação.
- Verificar em que medida esses formandos tem consciência de seu próprio processo formativo. Quais aspectos da formação acadêmica consideraram mais importantes? Que influências o percurso acadêmico exerceu em sua vida como sujeito da cultura? Que escolhas realizou dentro do curso? Reconhecem a importância dessa formação para além da questão profissional?
- Proporcionar ocasião de estudo e reflexão para os alunos pesquisadores oferecendo-lhes subsídios para pensarem sobre sua própria formação, e conseqüentemente para valorizarem as circunstâncias que o cotidiano acadêmico proporciona.
- Elaborar relatório em forma de análise reflexiva a partir da realidade observada para fins de avaliação e de aprendizagem em torno da pesquisa acadêmica.

Metodologia

A princípio espera-se realizar um encontro de estudos e leitura com a professora-orientadora sobre a temática da *formação* com bibliografia previamente indicada. Com base nesses estudos os orientandos elaborarão com o auxílio da professora um questionário com questões de interesse do objeto de pesquisa. Os dados levantados nessa investigação empírica deverão ser discutidos e perscrutados sob a luz dos textos bibliográficos e das discussões com a professora sendo documentado ao final em formato de relatório.

Fundamentação teórica

Na Faculdade de Letras as relações com o universo da leitura, da língua e da literatura pode alargar a sensibilidade em relação a tantas outras áreas do saber e da cultura. O alcance humano, político e ético das línguas e da literatura quase sempre é ignorado na sociedade produtiva, independente disso, importa considerá-las como fonte de maior lucidez sobre o sentido provisório do saber que construímos em nós mesmos. Quanto à experiência da leitura, pode ser uma ação vital, especialmente pelos caminhos da filosofia, da literatura e da educação. Pela leitura a imaginação se liberta e a razão se fortalece para os embates da realidade humana, da vida acadêmica, e da vida pessoal. Benedito Nunes descreve essa experiência com maior precisão de sentido:

É justamente nesses dois movimentos, ou, se quiserem, nesses dois momentos de um só movimento, adesão (o prazer de si no prazer do outro) e a volta a si (liberdade estética da capacidade de julgar), que a experiência de leitura transita para a experiência comum do leitor. O leitor volta a si compreendendo o texto. Compreendendo o texto, compreende-se a si mesmo, ou vice-versa. Mas então, como se poderá afirmar com Paul Ricoeur, compreender é compreender-se diante do texto (1998, p.182).

A dedicação e o prazer da leitura que se transformam em postura diante do mundo por parte do professor, será sempre um referencial para os estudantes que compreendem a importância de sua própria formação. Se os tempos atuais tendem ao encurtamento de todos os processos que se pode compreender como *genuinamente formativos*, e ao alagamento dos processos que se compreende como *formativos*, por outro lado, importa sustentar o compromisso humano, social, e histórico que cabe aos estudantes e aos professores. Em certa medida, algum destaque deve ser conferido à inexorabilidade da responsabilidade do educador. Tomando em analogia as palavras de Sartre:

De que maneira o escritor, que se considera essencial para o universo, poderia querer sê-lo para as injustiças que esse universo encerra? No entanto, é necessário que o seja; mas se ele aceita ser criador de injustiças, é num movimento que as supera rumo à sua abolição. Quanto a mim, que leio, se crio e mantenho em existência um mundo injusto, não posso fazê-lo sem que me torne responsável por ele. E toda a arte do autor consiste em me obrigar a criar aquilo que ele desvenda – portanto, em me comprometer. Eis que nós dois arcamos com a responsabilidade pelo universo. E precisamente porque esse universo é sustentado pelo esforço conjugado de nossas duas liberdades (...).(1999, p. 50).

Impossível não nos questionarmos nesse contexto. Pode o aprendiz ignorar irresponsavelmente realidades que lhe sejam confiadas à compreensão? E, também será sensato pensar que o professor responde menos diante de sua própria obra educativa, que um escritor diante da criação de sua obra literária??? Nesse sentido, tarefa da

formação das pessoas só pode ser conjunta, e o compromisso como diz Coêlho, “é antes com o saber”, posto ser ele o substrato das nossas ações e escolhas humanas.

Conclusão

Espera-se com este projeto propiciar a discussão acadêmica sobre a formação que temos e a que queremos ter, ampliando nosso olhar sobre a educação escolar e a formação cultural.

Referências

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 9-16.

COÊLHO, Ildeu Moreira. *A educação, a cultura e a invenção de uma outra escola*. VI EPECO, Campo Grande, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 28ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000,

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais. O processo educativo. *In: Cadernos do cárcere*. V. 2. Trad. Carlos Nelson Coutinho et al. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 14-53.

NUNES, Benedito. *Crivo de papel*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

QUEIRÓS, Bartolomeu campos. Posseiros da diferença. *In: Vintém de Cobre, ano I, n.1, 1999*.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* 3. ed. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1999